

PERFIS DA DOCÊNCIA *ONLINE* INDEPENDENTE: UM LEVANTAMENTO INICIAL

01/05/2010

Leonel Tractenberg

EBAPE/FGV e NUTES/UFRJ, leonel.tractenberg@fgv.br

Régis Tractenberg

Livre Docência Tecnologia Educacional, regis@livredocencia.com.br

Renata Kurtz

Livre Docência Tecnologia Educacional, renata@livredocencia.com.br

Categoria C – Métodos e Tecnologias

Setor 5 - Educação Continuada em Geral

Natureza A - Relatório de Pesquisa

Classe 2 – Experiência Inovadora

Resumo

Docente *online* independente é todo profissional que exerce o papel de docência de cursos *online*, criados, ministrados e gerenciados por ele ou ela, e oferecidos de forma independente, sem vínculo de subordinação junto a instituições educacionais de terceiros. Em trabalhos anteriores introduzimos o conceito de docência *online* independente (DO-In), discutimos sua viabilidade, algumas de suas vantagens e desafios a partir de nossa experiência, e procuramos identificar e descrever algumas competências essenciais para o trabalho nessa modalidade. No presente artigo continuamos o processo de caracterização dessa nova forma de trabalho docente. Buscamos identificar mais profissionais atuando na DO-In e analisar seu perfil em termos de: procedência geográfica, formação, área de atuação e cursos oferecidos; tempo de trabalho nessa modalidade e dimensão do público atendido; recursos

tecnológicos, pedagógicos e de gestão que esses docentes utilizam; motivos os levaram a escolher essa forma de trabalho; vantagens e desafios dessa modalidade e competências que consideram fundamentais para o seu exercício; além de dados referentes à sua carga horária semanal e remuneração.

Palavras-chave: *educação a distância; trabalho docente; docência online independente.*

1. Introdução

Kant, Descartes, Hobbes, Rousseau, Einstein, Marie Curie, entre outros intelectuais e cientistas notórios, trabalharam como tutores ou professores particulares, sobretudo no início de suas carreiras. Esse profissional, comumente chamado de tutor, mentor, orientador, preceptor ou professor particular, exerce aquilo que denominamos em trabalhos anteriores de docência independente [2, 3]. A docência independente está há muito tempo presente na educação não-formal¹ na figura do profissional que oferece seus cursos e serviços de orientação educacionais aos mais diversos públicos.

Em contrapartida, a docência *online* independente (DO-In)² é um fenômeno relativamente recente, que acompanha a expansão e a evolução da Internet e das ferramentas e interfaces que possibilitam o desenvolvimento da Educação *Online* [2, 3]. Em poucas palavras, docente *online* independente é todo profissional que exerce o papel de docência (mediação, tutoria etc.) de cursos³ *online*, criados, ministrados e gerenciados por ele ou ela mesmos, e oferecidos de forma independente, sem vínculo de subordinação junto a instituições educacionais de terceiros. O domínio de tecnologias da infocomunicação (TICs), cada vez mais diversificadas e acessíveis por um número crescente professores, de um lado, e o aumento da procura por oportunidades de formação continuada e por cursos livres a distância, de outro, têm favorecido a expansão dessa nova prática profissional.

O docente *online*, na medida em que atua de forma independente, enquadra-se no conceito de auto-empregado. Compreende-se o auto-empregado como o profissional que abandona uma relação de dependência de uma organização, em termos de relações e expectativas profissionais e assume uma noção de independência ou de uma interdependência com uma ou mais organizações. Silva [3] identifica como principais motivações pessoais para tornar-se auto-empregado:

“busca de maior autonomia, de um maior nível de desafio e de maior sentido para o trabalho; a possibilidade de obter maiores ganhos; a oportunidade de maior desenvolvimento pessoal e profissional; a possibilidade de se liberar das restrições e dos inconvenientes da vida corporativa, tais como as pressões da burocracia, o excesso de supervisão e o jogo político.” (p. 3)

Enquadra-se também no que Mattar e Maia [5] denominaram de “aututor”: o docente que é tanto autor (planejador e conteudista), quanto mediador de um curso à distância, possuindo autonomia para tomar decisões e

mudar o conteúdo, as atividades ou o que julgar necessário para melhor atender as necessidades de aprendizagem dos alunos.

Dois princípios fundamentam o conceito de DO-In: a idéia de “docência *online*”, e a qualificação de “independente”. Esses conceitos podem ser compreendidos através de quatro aspectos principais:

1. **Autoria** – liberdade para tomar decisões e atuar no planejamento pedagógico do curso, na seleção e criação de materiais didáticos, atividades, interfaces de interação e processos de avaliação etc.
2. **Direitos autorais** - ser responsável e ter liberdade para tomar decisões e auferir benefícios em relação aos direitos morais e patrimoniais referentes ao curso. Conforme descreve Castro [6],

“O autor é titular de direitos morais e de direitos patrimoniais sobre a obra intelectual por ele produzida. Os direitos patrimoniais compreendem os poderes de usar, fruir e dispor de sua obra, bem como de autorizar sua utilização ou fruição por terceiros no todo ou em parte. Os direitos morais do autor são inalienáveis e irrenunciáveis. (...). Já os patrimoniais são alienáveis por ele ou por seus sucessores.” (p.3)

3. **Mediação pedagógica e avaliação dos aprendizes** - liberdade para tomar decisões e atuar na mediação pedagógica (tutoria, moderação etc.) do curso e na avaliação das atividades realizadas pelos aprendizes.
4. **Gestão** – liberdade para tomar decisões e atuar sobre o gerenciamento da divulgação do curso e das inscrições dos alunos, gerenciamento dos pagamentos, configuração e gestão do ambiente virtual de aprendizagem etc.

A noção de “independência” não deve ser entendida em termos absolutos, mas relativos, pois admite diversos graus de inclusão. Por exemplo, o profissional pode delegar a terceiros parte das atividades acima mencionadas: contratar um provedor para gerenciar o ambiente virtual de aprendizagem, as inscrições de alunos etc.; ele pode, eventualmente, recorrer a diversos profissionais a fim de auxiliá-lo a criar, oferecer e gerenciar seus cursos *online* (revisores, *web designers*, programadores, outros professores etc.); caso a autoria do curso seja coletiva, os direitos morais e patrimoniais serão compartilhados. Em todos esses casos, o grau de “independência” será afetado. Os quatro aspectos relacionados acima não têm, contudo, o mesmo peso. Os dois primeiros são fundamentais. Caso o profissional não possua nenhuma autonomia para criar seu curso, nem disponha de nenhum direito autoral ou patrimonial sobre o mesmo, não há sentido em considerá-lo independente.

Em trabalhos anteriores introduzimos o conceito de DO-In, discutimos sua viabilidade, algumas de suas vantagens e desafios a partir de nossa experiência nessa modalidade [2,3]. Posteriormente, procuramos identificar e descrever algumas competências essenciais para o exercício da DO-In, a partir de considerações teóricas e da visão de três professores que trabalham com essa modalidade [7]. Dando continuidade ao processo de caracterização dessa nova forma de trabalho docente, no presente artigo buscamos identificar outros profissionais atuando nessa modalidade e detalhar o seu perfil em termos de: procedência geográfica, formação, área de atuação e cursos oferecidos; tempo

de trabalho nessa modalidade e dimensão do público atendido; recursos tecnológicos, pedagógicos e de gestão que esses docentes utilizam; motivos que os levaram a escolher essa forma de trabalho; vantagens e desafios dessa modalidade e competências que consideram fundamentais para o seu exercício; além de dados referentes à sua carga horária semanal e remuneração relativa.

2. Metodologia

Os dados foram coletados por meio de questionário disponibilizado via web, utilizando a plataforma Survey Monkey⁴, no período de 10/04/2010 a 20/4/2010⁵. A mensagem de convite com o *link* para responder à pesquisa foi divulgada nas duas principais listas de discussão brasileiras sobre educação à distância, EAD-L⁶ e EAD-BR⁷, em 15 comunidades do Orkut⁸ relacionadas ao tema de educação e docência, e entre os mais de 1.400 ex-alunos dos cursos da Livre Docência Tecnologia Educacional⁹, totalizando um universo de 210 mil usuários¹⁰. A escolha dessas listas e comunidades se deu pelo fato destas serem acessadas por um grande número de professores de todo Brasil, inclusive por aqueles envolvidos com educação à distância (EAD) e educação *online* (EOL).

3. Resultados

Foram obtidos 39 questionários respondidos. Dentre eles, 33 responderam afirmativamente à questão se o profissional atua como docente *online* independente conforme a definição fornecida.

Após analisarmos os dados desses 33 respondentes, eliminamos cinco que não se enquadram no perfil do DO-In, considerando que afirmaram não possuir nenhuma autonomia para criar seus cursos ou nenhum direito autoral/patrimonial sobre os mesmos. Outras respostas desses mesmos docentes nos sugeriram que eles possivelmente confundiram a DO-In com a docência *online* que exercem dentro de alguma instituição.

Sobraram, portanto, 28 respondentes considerados dentro do perfil da DO-In propriamente dita. A seguir apresentamos a síntese descritiva das respostas fornecidas por esses 28 docentes:

Idade e gênero: dos 28 respondentes, 16 são homens e 12 mulheres. A faixa etária varia dos 29 aos 67 anos de idade, sendo que 17 (aproximadamente 60%) situam-se entre 36 e 55 anos de idade.

Localização geográfica: 13 docentes são da Região Sudeste, cinco da Região Centro-oeste, quatro da Região Sul, quatro da Região Nordeste e um da Região Norte. Houve um respondente de Portugal¹¹.

Formação acadêmica: mais de 80% possui título de pós-graduação (*stricto* ou *lato sensu*): cinco possuem título de doutorado, 14 de mestrado, quatro possuem título de especialização, quatro possuem apenas o título de graduação e um ainda está cursando a graduação.

Tempo de atuação como docente *online* independente: a maioria (19 professores) atua há menos de três anos como docente *online* independente. A distribuição encontra-se detalhada no Gráfico 1:

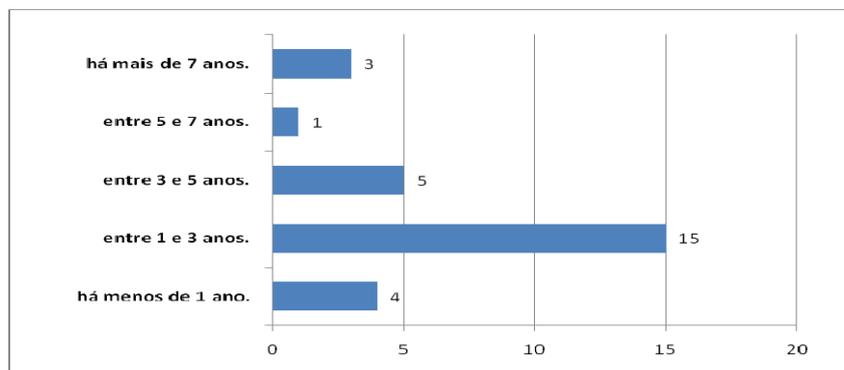


Gráfico 1. Tempo de atuação na docência *online* independente.

Vínculos de trabalho com outras instituições educacionais: a maioria (23 professores) atua em instituições de ensino com vínculo de trabalho em tempo parcial (20h) ou temporário (como professor horista, visitante, convidado ou como tutor-bolsista). Apenas dois professores atuam em tempo integral (40h) e três docentes não atuam em nenhuma instituição de ensino.

Número de cursos oferecidos: os 28 docentes oferecem um total de 86 cursos, sendo que a média é de 3,2 cursos por docente. O máximo de cursos oferecidos por um único docente é de oito, e sete docentes oferecem, cada um, um único curso.

Áreas do conhecimento em que lecionam: os docentes de nossa amostra oferecem cursos principalmente na área de Educação conforme distribuição indicada na Tabela 1.

Áreas do conhecimento	Num. de respostas (*)
Educação (temas: tecnologia educacional, formação de professores, educação e arte, educação corporativa etc.)	16
Idiomas (Português, Inglês)	6
Administração, Contabilidade e Finanças	5
Informática (temas: redes corporativas, segurança digital, telecomunicações etc.)	4
Saúde	1

(*) **Nota:** as categorias não são excludentes (alguns docentes oferecem cursos em mais de uma área).

Tabela 1. Áreas dos cursos oferecidos pelos docentes *online* independentes.

Carga horária dos cursos: 18 professores oferecem cursos com carga horária entre 30h e 60h, cinco professores oferecem cursos com carga horária menor do que 30h, e quatro ministram cursos com mais de 60h.

Tamanho das turmas: 12 professores atendem turmas com tamanho entre 20 e 40 alunos. Nove docentes formam turmas com menos de 20 alunos. Quatro docentes formam turmas com tamanho entre 40 e 60 alunos. Três professores não formam turmas, pois atendem seus alunos individualmente.

Público predominante dos cursos: O público predominante dos cursos oferecidos pelos docentes é de profissionais já formados e de estudantes de

graduação e pós-graduação. Apenas um professor atende a estudantes do ensino médio.

Quantidade de alunos atendidos: a quantidade total de alunos atendidos por professor varia bastante, como mostra o Gráfico 2. A maioria (16 professores) afirmou ter atendido a 200 alunos ou menos. Quatro professores atenderam a mais de mil alunos cada.

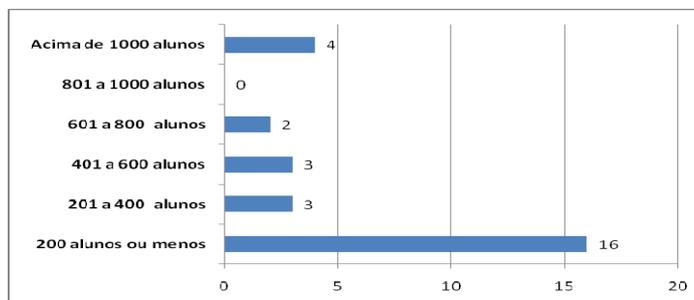


Gráfico 2. Quantidade de alunos atendidos por docente.

Percentual de concludentes aprovados: a maioria (19 professores) estima que mais de 60% de seus alunos concluíram com sucesso os cursos que oferecem. Cinco professores estimaram que o percentual de seus alunos que concluíram com sucesso está entre 40 e 60%, e quatro professores estimaram que o percentual nos seus cursos esteja abaixo de 40%.

Carga horária: considerando o tempo semanal dedicado às atividades laborais, para a maioria dos professores, a DO-In é uma ocupação de tempo parcial, exercida em paralelo a outras atividades. Apenas um docente dedica mais de 80% de seu tempo à mesma. Três docentes assinalaram dedicar-se entre 60% e 80% do tempo, e o restante (24 professores) dedica menos de 60% de seu tempo a essa atividade.

Remuneração e percepção do valor da hora-aula na DO-In: A DO-In é exercida como complementação de renda na maior parte dos casos. 22 professores recebem menos de 40% de seus proventos obtidos através da DO-In, quatro docentes obtêm entre 40% e 60%, de sua renda e apenas um tem mais de 80% de sua renda proveniente dessa modalidade de trabalho. Apesar disso, quase 70% dos professores consideram o valor da hora-aula da DO-In como igual ou superior ao valor da hora-aula como professor contratado.

Recursos de comunicação: Os DO-Ins utilizam uma grande variedade de recursos de comunicação (ver Gráfico 3). Os mais freqüentes são o fórum de discussão e email e os menos freqüentes são o telefone fixo e celular, indicados por apenas quatro professores. Foram citados ainda micro blogs, mapas conceituais e aplicativos de colaboração como Google Docs.

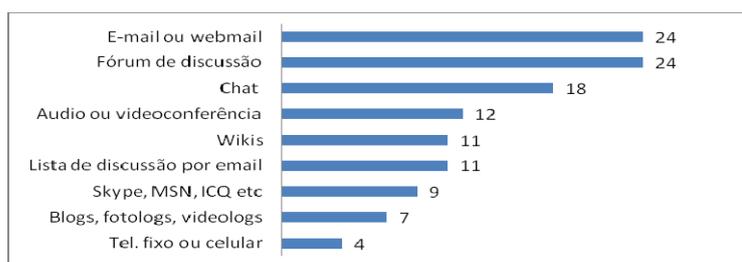


Gráfico 3. Recursos de comunicação utilizados pelos docentes *online* independentes.

Recursos de informação: os docentes independentes também utilizam com seus alunos ampla variedade de recursos de informação, tanto de sua autoria quanto elaborados por terceiros, conforme mostra o Gráfico 4.

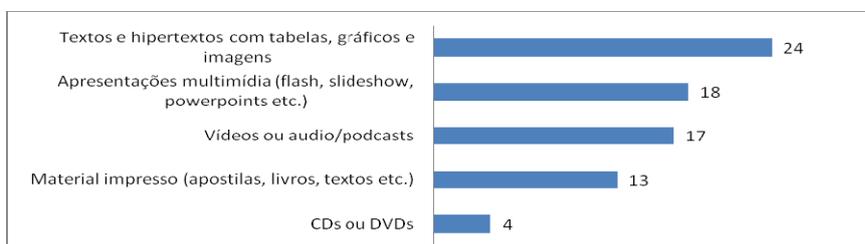


Gráfico 4. Recursos de informação utilizados pelos docentes *online* independentes.

Recursos de gestão da aprendizagem: a maioria dos docentes (25) utiliza ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) instalados em sites próprios ou sites que oferecem serviço de hospedagem de cursos para professores, como mostra o Gráfico 5.



Gráfico 5. Recursos de gestão de cursos utilizados pelos docentes *online* independentes.

Condição profissional: metade dos DO-Ins (14) oferecem seus cursos como profissionais autônomos. Oito docentes são sócios/donos de suas próprias empresas. O restante oferece seus cursos na condição de membros ou parceiros de alguma instituição (ONG, fundação, associação etc.).

Principais vantagens e motivos para trabalhar como docente *online* independente: dentre os motivos para exercer a DO-In, os mais citados foram a flexibilidade de tempo/espaço e a liberdade pedagógica. O retorno financeiro ocupou o terceiro lugar, seguido de outros motivos (ver Gráfico 6).

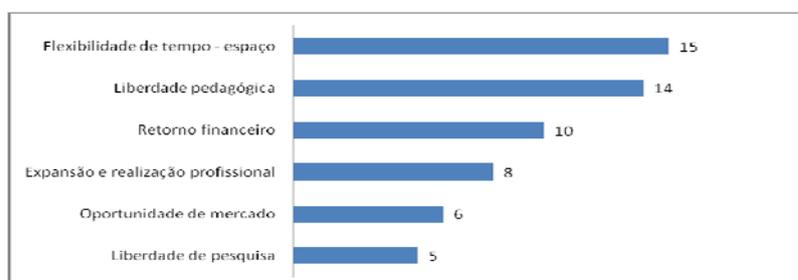


Gráfico 6. Principais vantagens e motivos para exercer a docência *online* independente.

Principais desvantagens do trabalho como docente *online* independente: As desvantagens mais citadas foram: desconfiança do

mercado em relação à DO-In, falta de preparo dos alunos para estudar à distância e o não reconhecimento oficial dos certificados (ver Gráfico 7).



Gráfico 7. Principais desvantagens da docência *online* independente.

Competências necessárias para o exercício da DO-In: as competências citadas pelos docentes foram agrupadas segundo as seis categorias que propusemos em estudo anterior [7]: conhecimento técnico, mediação pedagógica, planejamento educacional, empreendedorismo, uso das TICs e competências administrativas. Essas seis categorias estão dentre as mais citadas, como mostra o Gráfico 8. Porém, além destas, os respondentes destacaram outras, de natureza pessoal e atitudinal, tais como: disciplina, criatividade, comprometimento, persistência, coragem, amor pela EAD, ambição, desejo de inovar; e, ainda, habilidades genéricas tais como “boa comunicação escrita”.

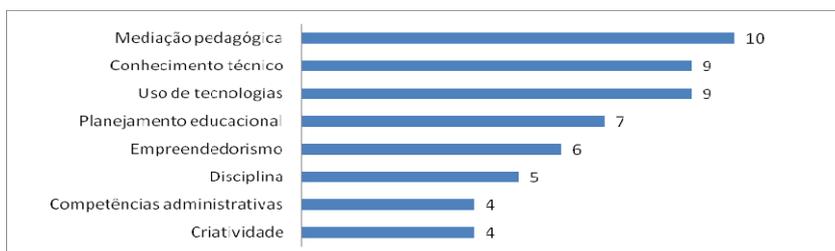


Gráfico 8. Competências necessárias para a docência *online* independente.

4. Discussão

Os dados obtidos ainda são poucos para que possamos fazer inferências mais amplas sobre o universo de DO-Ins no Brasil, o que limita nossas considerações aos professores da amostra coletada e sinaliza a necessidade de retomar a pesquisa no futuro, de forma ampliada.

Os DO-Ins de nossa amostra são, tipicamente, mestres(as) ou doutores(as), com idade entre os 36 e 55 anos, que trabalham sob regime de tempo parcial e/ou contrato temporário em alguma instituição educacional, e atuam como DO-In há menos de 3 anos, também em tempo parcial, oferecendo entre 1 e 3 cursos. Optaram por trabalhar nessa modalidade devido, principalmente, à flexibilidade de tempo e lugar de trabalho, liberdade pedagógica e devido ao retorno financeiro, que consideram proporcionalmente igual ou superior à sua remuneração como professores contratados. Dessa forma, a DO-In configura-se, para a maioria, como uma opção flexível de complementação de renda e ampliação das possibilidades de autonomia profissional, frente ao cenário de

flexibilização e precarização do trabalho docente (sobretudo *online*) que acomete inúmeras instituições educacionais atualmente.

Grande parte desses DO-Ins utiliza um AVA dentro de site próprio, mas há também aqueles que recorrem a ambientes virtuais oferecidos por terceiros, o que poupa os professores da necessidade de conhecimentos mais aprofundados de TI e da necessidade de gerenciar o ambiente (configurações, inscrições, backups etc.). O e-mail, o fórum e o chat constituem os principais meios de comunicação utilizados nos cursos. Porém, vários docentes apontaram a utilização de outros recursos e interfaces. Os motivos, as maneiras e os resultados que obtém da utilização desses recursos precisam ser mais bem compreendidos.

Os cursos que oferecem possuem carga horária menor do que 60h, muitos são dentro da área de Educação e EAD/EOL (de *design* instrucional, de docência *online*, de Moodle etc.). Isso possivelmente se deve ao fato do questionário ter sido divulgado em listas afins a essas áreas. Mas também pelo fato de muitos profissionais de educação, que já trabalham com EAD/EOL perceberem a oportunidade de atender a enorme demanda de formação continuada nessas áreas, por meio de cursos livres.

As turmas desses DO-Ins costumam ter menos de 40 alunos, que, em sua maioria, são profissionais já formados a procura de oportunidades de educação continuada. Trata-se de um público adulto que comumente possui, dentre outras características [9]: menos tempo para dedicarem-se aos estudos (devido ao trabalho); mais conhecimentos e experiências e são mais críticos; demanda por conhecimentos práticos que possam ser aplicados imediatamente; maior seletividade nas escolhas e exigência de qualidade; menos familiaridade com as TICs (pois são imigrantes e não nativos digitais¹²); e que, portanto, talvez tenham maior propensão a abandonarem cursos que não se adequem a seu perfil e demandas. Talvez esse perfil esteja relacionado às principais dificuldades e desafios apontados pelos DO-Ins: a desconfiança do mercado, o despreparo do alunado para estudar a distância e o não reconhecimento oficial dos certificados. Mas isso também precisa ser investigado mais profundamente.

Segundo as respostas dos docentes, a DO-In, exige amplo rol de competências e características pessoais, que vão além das competências para a docência *online*. Nesse sentido, aumentam as demandas de formação e de serviços/redes que dêem suporte à atuação desses profissionais.

Por fim, frente aos desafios colocados pelos docentes, vislumbramos a necessidade de mais pesquisas que investiguem a qualidade dos cursos e discutam questões relativas ao reconhecimento e certificação dos cursos oferecidos por esses profissionais.

5. Referências

- [1] BRASIL. MEC. INEP. Thesaurus brasileiro da educação.
<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/default.htm>
- [2] TRACTENBERG, R.; TRACTENBERG, L. The advantages of independent *online* teaching: an experience report. Artigo apresentado no 22nd International Congress of Distance Education. Rio de Janeiro, outubro, 2006.

- [3] TRACTENBERG, R.; TRACTENBERG, L. Docência *online* independente: do conceito à prática com o Moodle. In: ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. (orgs.) Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso. Salvador: EDUNEB, 2009.
- [4] SILVA, J.R.G. Profissionais Qualificados e Experiências de Autoemprego: Questões de Tempo e Espaço. 30º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Salvador: 23-27, set., 2006.
- [5] MATTAR, J.; MAIA, C. Second Life da EAD & vida nova para o professor virtual: caixa de ferramentas 2.0 para o aututor. 13º. Congresso Internacional de Educação a Distância, ABED, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.joaomattar.com/528200722418PM.pdf> Acesso em: 26 de abril de 2010.
- [6] CASTRO, Lincoln Antônio de. Noções sobre Direito Autoral. Revista de Direito do Ministério Público, Rio de Janeiro, n. 13, p. 207-214, 2001. Disponível em: http://www.estacio.br/graduacao/direito/publicacoes/dir_diraut.asp. Acesso em: 4 de julho de 2007
- [7] TRACTENBERG, R.; TRACTENBERG, L. Seis competências essenciais da docência *online* independente. Seis competências para a docência *online* independente. 13º. Congresso Internacional de Educação a Distância, ABED, Curitiba, 2007. Disponível *online*: www.abed.org.br Acesso em: 26 de abril de 2010.
- [8] PRENSKY, M. Digital Natives, digital immigrants. *On the horizon*, v.9, n. 5, outubro, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 5 de abril de 2010.
- [9] CERCONE, K. (2008). Characteristics of adult learners with implications for online learning design, *AACE Journal*, 16(2), 137-159. Disponível em: <http://faculty.ksu.edu.sa/ualturki/Digital%20Library/Characteristics%20of%20Adult%20Learners%20with%20Implications%20for%20Online%20Learning%20Design.pdf> Acesso em: 5 de abril de 2010.

¹ Segundo o Thesaurus Brasileiro da Educação do INEP [1], educação não-formal pode ser definida como toda atividade ou programa educacional organizado e estruturado fora do sistema regular (formal) de ensino básico ou superior, que não conduz a grau nem título ou certificado validados dentro deste sistema. Pode ocorrer tanto dentro de instituições (educacionais ou não), quanto fora delas, e receber ou não algum tipo de certificado (de conclusão, de participação etc.). Materializa-se na forma de cursos, treinamentos, oficinas, grupos de estudo, supervisões, de duração variável, que atendem a pessoas de todas as idades. A educação não-formal diferencia-se da educação informal por ser mais estruturada, sistemática, possuir objetivos educacionais definidos e ser intencional por parte dos educandos.

² Optamos pelo acrônimo “DO-In” (ao invés de “DOI”) a fim de evitarmos a associação desse termo com a conjugação do verbo “doer” no presente do indicativo, o que, além disso, criaria cacofonias desnecessárias (ex.: “a DOI”, “os DOIs” etc.). O hífen também contribui para uma ligeira pausa sonora (“dô-in”), evitando a pronúncia do termo como “dóin”, o que também soaria muito mal. Utilizaremos DO-In para referirmo-nos tanto à docência *online* independente, quanto para o(a) docente *online* independente.

³ Apesar de aqui falarmos de “cursos”, a DO-In também pode ser oferecida na forma de tutorias, oficinas, supervisões ou “aulas particulares” *online*, individuais ou em grupo, customizadas conforme a necessidade dos aprendizes.

⁴ <http://www.surveymonkey.com/>

⁵ O questionário encontra-se disponível *online* para seguirmos coletando dados, visando sua utilização em futuros trabalhos. O link para o questionário é: <http://www.surveymonkey.com/s/3Q7K96P>

⁶ <https://www.listas.unicamp.br/mailman/admin/ead-l>

⁷ <http://groups.google.com.br/group/eadbr/>

⁸ <http://www.orkut.com.br/>

⁹ <http://www.livredocencia.com.br>

¹⁰ Uma vez que um mesmo usuário pode participar de várias listas e comunidades e que, apesar de inscritos nas mesmas, muitos não acompanham suas mensagens, a quantidade de usuários pode ser menor do que esse valor.

¹¹ O questionário foi disponibilizado na Internet e não possuía restrições a respondentes oriundos de outros países. Além disso, uma das vantagens da DO-In é a possibilidade dos professores e alunos estarem geograficamente dispersos, inclusive em outros países. Apesar de visarmos inicialmente os docentes no Brasil, e uma vez que nossa amostra não visa inferências estatísticas sobre o universo dos DO-In, mas sim, conhecer melhor o perfil daqueles que responderam, decidimos aceitar essa resposta como válida.

¹² Os conceitos de imigrante e de nativo digital foram desenvolvidos por Prensky [8] e referem-se às gerações nascidas antes e depois, respectivamente, da difusão das novas tecnologias de informação e comunicação digital e da Internet, e da cibercultura gerada e, simultaneamente, geradora dessa difusão.